



Feira agroecológica da agricultura familiar na Universidade Estadual de Campinas

Agroecological Fair of Family Farming at the State University of Campinas

FRANCO, Rafaela Carlos Souza¹; VIANA, Maírys Quartaroli²

¹ Laboratório de Extensão Rural e Agroecologia - LERA da Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas, r195949@dac.unicamp.br; ² Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, m247732@dac.unicamp.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Apresentação e Contextualização da experiência

A experiência compartilhada é sobre a realização de uma feira agroecológica da agricultura familiar na Universidade Estadual de Campinas. A feira foi organizada por um grupo de estudantes e professores durante a disciplina de Educação, Alimentação e Arte. A feira contou com a participação da Comunidade Feminista Menino Chorão, Horta comunitária do Parque Itajaí, Acampamento Marielle Vive, Assentamento Milton Santos, Associação de Mulheres Agricultoras e Produtoras Elisabeth Teixeira.

A Horta comunitária do Parque Itajaí, localizada no distrito do Campo Grande, no município de Campinas - SP, é composta por 12 famílias que cuidam de uma área coletiva. Trata-se de uma horta urbana. Essa horta tem como objetivo cultivar hortaliças que são vendidas em feiras e também destinadas ao consumo da comunidade local do Parque Itajaí. Também em Campinas - SP está a Comunidade Feminista Menino Chorão, liderada por Carmem Lúcia. A Comunidade Menino Chorão está localizada no bairro periférico Campo Belo, numa área em disputa próximo ao aeroporto de Viracopos. Na Comunidade há produção de hortaliças, que são destinadas ao consumo interno da comunidade e também são vendidas em feiras.

A Coopergel e a AMA (Associação de Mulheres Agricultoras) estão localizadas no mesmo local, no município de Mogi Mirim - SP, lá produzem muitas frutas, verduras e processados como pães e bolos. As outras organizações que participaram da feira, como o acampamento Marielle Vive, o Assentamento Milton Santos e a Associação de Mulheres Agricultoras e Produtoras Elisabeth Teixeira, são parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. O acampamento Marielle Vive fica localizado no município de Valinhos, região metropolitana de Campinas - SP. O acampamento surgiu em 2018, Marielle era negra, mãe e moradora de favela, e o acampamento “Marielle, Vive!” é formado por centenas de Marielles. No acampamento são produzidos alimentos sem agrotóxicos para venda e consumo como hortaliças, processados, pães, bolachas, granolas e produtos do MST como bonés e aventais.



O pré assentamento de produtoras Elisabeth Teixeira começou em 2007 com os sem terras ocupando a área do horto Florestal do Tatu, no município de Limeira - SP. O coletivo Elisabeth Teixeira conta com mulheres assentadas que produzem alimentos orgânicos e in natura e processados como: pães, geleias, suas famosas bananas chips, conservas, entre outros produtos (Fig.3).

E o Assentamento Milton Santos que é um Projeto de Desenvolvimento Sustentável - PDS, uma modalidade de assentamento em que a sua criação pressupõe a realização de práticas agrícolas sustentáveis. O assentamento Milton Santos está localizado no município de Americana - SP e conta com 66 famílias. O assentamento vive em conflito com a Usina Ester que circunda toda a área do assentamento com milhares de hectares de produção convencional de cana-de-açúcar.

Desenvolvimento da experiência

Em 2023 a Unicamp tornou obrigatório as disciplinas de extensão no seu catálogo vigente, atendendo as orientações de curricularização da extensão. A partir desta iniciativa, surgiram disciplinas específicas para abordar a temática da extensão universitária dentro das faculdades e institutos da universidade. A disciplina EX023 - Educação, Alimentação e Arte, foi uma dessas disciplinas, nela se desenvolveu a organização e a realização da Feira da Agricultura Familiar na Unicamp.

A disciplina foi ministrada na Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp, por professores de diferentes áreas. A metodologia proposta foi a adoção de frentes de trabalho para que estudantes e professores pudessem desenvolver ações de extensão por meio da construção de relações dialógicas com as comunidades da região do município de Campinas. A realização da Feira foi uma das frentes de trabalho definidas na disciplina.

O grupo de trabalho formado para organização da feira (Fig.2) foi composto por cinco estudantes e três professores. A ideia do grupo foi contribuir com a comercialização das famílias agricultoras da região metropolitana de Campinas, sensibilizando a comunidade acadêmica da Unicamp sobre a existência e a importância da agricultura familiar da região. Foi levado também em conta o potencial de consumo do público que estuda, trabalha e frequenta a Unicamp.

Para a decisão de quais organizações de agricultores deveriam ser convidadas, levou-se em consideração a lista das comunidades com quem o grupo, seja professores ou estudantes, tinha contato. O contato foi realizado por telefone, primeiramente para agendamento de uma visita cujo objetivo foi conhecer a realidade das famílias, o espaço onde produzem os alimentos e a maneira como organizam. E depois, no encerramento da visita foi feito pessoalmente o convite para a participação na feira.

As comunidades receberam o convite e se mostraram muito gratas, tomando a posição de participar mesmo que tivessem que arcar com os custos - ficaram felizes quando souberam que não seria necessário. Mostraram disponibilidade nas agendas e caso fosse preciso, mudariam alguma rotina. O grupo organizador ficou responsável por arcar com as despesas que as comunidades teriam com o transporte até o local do evento. Neste sentido, foi reembolsado os custos com



combustível e pedágios. Foi também concedida a infraestrutura necessária para as organizações, como as tendas, mesas e cadeiras. As mesas e cadeiras foram alugadas. A alimentação também foi garantida, sem custos para as organizações e seus representantes. Todas as ações listadas foram custeadas pela verba disponibilizada pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, PROEC, para ser utilizada nos projetos da disciplina EX023.

O local decidido, logo no início da organização do grupo, foi o estacionamento da FEA (Faculdade de Engenharia de Alimentos), pois é um lugar bem posicionado: próximo a Praça da Paz e da Avenida, com árvores e espaço para várias tendas. Vale o destaque sobre a decisão referente a data da realização da Feira: de início, foi pensando no final de maio, considerando que o mês de junho tem muitas atividades avaliativas para os estudantes. Porém, após encontro com a comunidade AMA, foi conversado que os inícios de mês são favoráveis para feiras, e foi percebido que a opinião de quem tem experiência que fazia mais sentido de ser seguida, além de ser estratégica devido aos dias de pagamentos. Com detalhes como esse, fica evidente a importância do contato com as comunidades para o sucesso do evento. Neste encontro também notamos que seria uma dificuldade de todas as comunidades gerenciarem os pagamentos dos seus produtos, assim criamos uma planilha com nome da comunidade, quantidade de produto, preço e quantidade vendida, que foi entregue a cada líder das barracas no início da feira. O objetivo desta planilha foi de auxiliar as agricultoras no controle de vendas e também coletamos dados sobre a movimentação financeira do evento além de demonstrar um compromisso com a transparência e a eficiência na gestão financeira do evento, e obter um valioso registro histórico.

Como forma de divulgação, o Instagram (Fig.1) foi pensado desde as ideias iniciais do projeto. Com ele, a ideia era divulgar a Feira para os contatos dos organizadores e ir ampliando a rede, para alcançar bastante público, e não apenas de dentro da Universidade. Com a conta criada, foi elaborado um roteiro de postagens, para movimentação da página mesmo antes das definições da Feira. As postagens foram variadas, tanto abordando conteúdo sobre Agroecologia, Agricultura Familiar, como sobre feiras no geral, visitas às comunidades e interações com pessoas da Universidade, pensando na proximidade delas com a Feira e as Organizações.

O perfil no Instagram alcançou 430 seguidores, com um bom engajamento em todas as postagens, devido a frequência e a qualidade. A identidade visual foi um ponto levantado como muito importante para a entrega dos conteúdos na plataforma, portanto, o projeto contou com um logo original, fontes e artes próprias, desenvolvidas pelos estudantes envolvidos nessa frente. A rede social ainda está no ar, e o planejamento é dar continuidade para ela, pensando nas próximas edições da Feira. Para conferir, o endereço é @faf.unicamp, <https://instagram.com/faf.unicamp?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>:

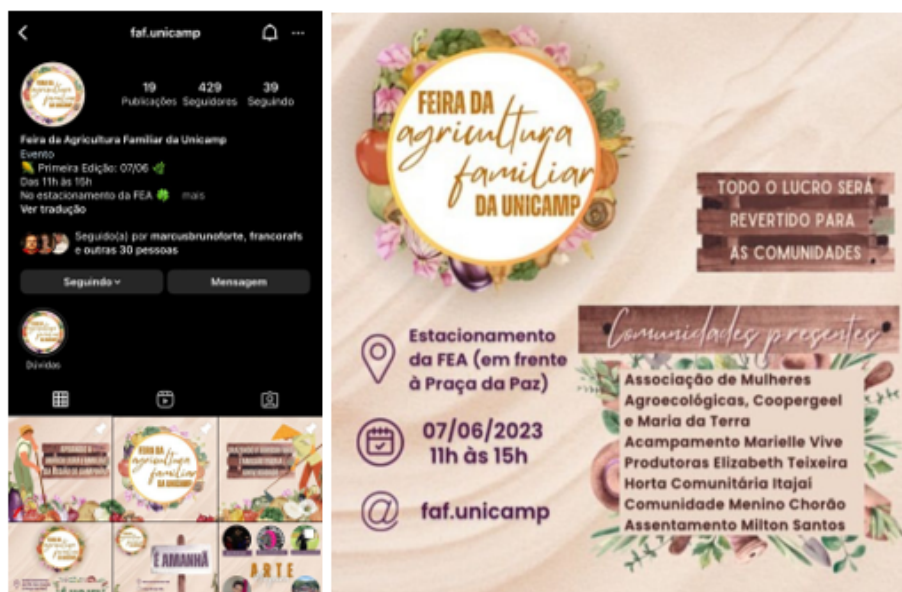
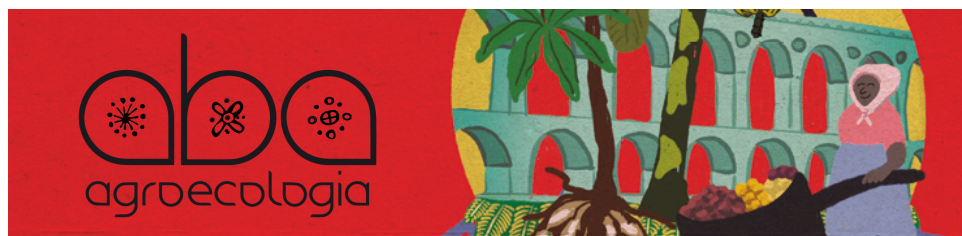


Figura 1 - Página criada no Instagram e folder oficial de divulgação da feira

Para além das vendas das comunidades na Feira, o projeto envolveu uma parte artística no dia do evento, para dar um diferencial e atrair mais público, também fazendo parte da proposta da disciplina, que aborda a Arte. A ideia foi contemplar diversas manifestações artísticas de diferentes cunhos. Foi elaborado um formulário para que circulasse pelos contatos da Universidade, para inscrições de artistas voluntários, compartilhado via grupos de WhatsApp, Instagram e email, e também foram realizados alguns convites para grupos já conhecidos na Unicamp, como Coral e Baterias.

Foi possível o contato com o coletivo “Circola”, para cortejo circense e através das redes sociais, a artista Sabrina Garcia entrou em contato para apresentação de violino, e o artista Victor Victoria entrou em contato para apresentação transformista. A partir de nossos convites, a Bateria Valorosa (Fig.5) aceitou apresentar e o coletivo Univ4rsas também, com uma apresentação de dança. Dessa forma, conseguimos movimentar estudantes artistas da UNICAMP para a Feira.

No dia do evento (Fig.4), além dos artistas confirmados, teve um intervalo de tempo (13h30 - 14h) em que o microfone ficou aberto, e tivemos duas pessoas das comunidades que se interessaram por compartilhar vivências: a comunidade Milton Santos recitou uma poesia relacionada ao MST e a comunidade Marielle Vive partilhou sobre experiências transgênero no Acampamento. Foi uma troca extremamente rica.

Foi garantida a alimentação para todos os artistas participantes. Sobre a estrutura, houve na feira uma tenda grande de 5x5 para as apresentações artísticas e para apresentações de dança/performance a disponibilidade de tatames para forrar o chão. Duas caixas de som fizeram parte da estrutura, que foram suficientes para ter um som ambiente e para as apresentações e falas. A infraestrutura foi concedida por setores da Universidade.



Figura 2(superior esquerda) – Grupos organizador da feira

Figura 3(superior direita) – Produtos do Acampamento Elizabeth Teixeira, Limeira/SP

Figura 4(inferior esquerda) – Frequentadores no dia do evento

Figura 5(inferior direita) – Apresentação artística da Bateria Valorosa

Desafios

O principal desafio da realização da Feira foi a parte estrutural, em que o grupo precisou correr atrás de cada contato realizado, para que fosse o mais viável possível. Desde os banners com as artes que decoraram as tendas, até as próprias tendas e tomadas, tiveram que partir do zero, sem contar as autorizações burocráticas, como o alvará da Prefeitura do campus, garantindo que tudo fosse conseguido até o dia do evento e que estivesse dentro do orçamento. Os contatos com as comunidades foi a parte mais valiosa do projeto, porém, encontrar o dia e horário que todos conseguissem se encaixar, e atender as necessidades de cada grupo foi desafiador, considerando um grupo pequeno e inexperiente da organização. Para as próximas edições, com os contatos e caminhos já desbravados nessa primeira vez, será muito mais tranquila a realização do Projeto, e gratificante igual.

Principais resultados alcançados

A Feira da Agricultura Familiar teve como objetivo auxiliar nas vendas dos produtos dos agricultores, o que foi alcançado e teve como diferencial a diversidade de produtos comercializados. No levantamento do grupo organizador da feira foi identificado que os agricultores levaram 80 tipos de produtos diferentes para serem vendidos, desde in natura como: hortaliças, frutas e grãos, até os processos como: conservas, geléias, pães, licor, sucos, cachaça, quitandas, chips de banana, mandioca e batata doce, doces em compota e em pedaços, temperos e etc.



O

resultado das vendas na feira foi no total de R\$ 7.889,00, com uma média de R\$ 400,00 a R\$ 2.000,00 por organização. Os produtos mais vendidos foram os processados, conservas e artigos MST. Houve baixa venda de hortaliças devido ao público presente na feira ser composto por estudantes, professores e pesquisadores. Essas pessoas estavam envolvidas em atividades no campus durante o restante da tarde e evitaram comprar hortaliças, pois não tinham onde armazená-las até o final do expediente. As verduras, mudas de plantas e algumas frutas foram os produtos que restaram após a feira. Uma parceira da comunidade Itajaí, se prontificou a comprar as hortaliças excedentes para auxiliar nas vendas e revendê-las posteriormente em outro momento. Essa colaboração foi considerada uma vitória, pois ajudou a evitar o desperdício e permitiu que os produtos sejam aproveitados, beneficiando tanto a comunidade local quanto a própria parceira, que poderá comercializá-los posteriormente.

Uma produtora familiar muitas vezes enfrenta desafios na recepção, e eventos como esse são essenciais para seus negócios. É gratificante que as agricultoras se sintam lembradas e valorizadas ao serem convidadas a participar do evento com seus produtos. Além disso, é inspirador saber que elas tiveram a chance de conhecer as outras mulheres das comunidades vizinhas, com as quais antes apenas mantinham contato virtualmente por meio de nomes e redes sociais. Essa interação promove o compartilhamento de experiências, conhecimentos e fortalece os laços entre os agricultores. É um exemplo poderoso de solidariedade e união dentro da luta pela agricultura familiar. Ileide (representante da AMA e Coopergel) relata *“Essa feira foi ótimo pra todos nós, adoramos. Se tiver no mês que vem pode chamar a gente que a gente vem”*. Os relatos demonstram o contentamento das organizações participantes e que o objetivo do projeto foi alcançado.

Disseminação da experiência

A experiência rendeu bons frutos tanto para as comunidades participantes quanto para os organizadores. Aos organizadores, planejar um evento será mais fácil nas próximas vezes, pois a experiência tornou o conhecimento, principalmente dos estudantes, que tiveram o primeiro contato com a temática da Agroecologia, ampliado. Para as comunidades participantes, além da rede de contatos que puderam aumentar, considerando o público e os outros grupos parceiros, divulgando seus produtos e suas lutas, acredita-se que algumas estratégias da Feira servirão de aprendizado para a vida, como por exemplo, a contagem das vendas através da tabela fornecida para acompanhamento financeiro. Além disso, a experiência pode ser recomendada para outros agricultores e organizações, pois todos devem ocupar o espaço da Universidade pública, ainda mais para contribuir com a autonomia e o sustento das famílias agricultoras com a venda de seus produtos e trocas de vivências.

Esperamos que a experiência relatada sirva de inspiração para que feiras como esta ocorram em outras universidades.